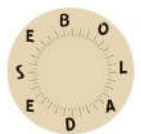


JAMES  
JOYCE

O GATO  
E  
O DIABO

&  
OS  
GATOS  
DE  
COPE-  
NHA-  
GUE



**O  
GATO  
E O  
DIABO**

**JAMES JOYCE**

## **Sumário**

[SÉRIE GATOS NA LITERATURA](#)

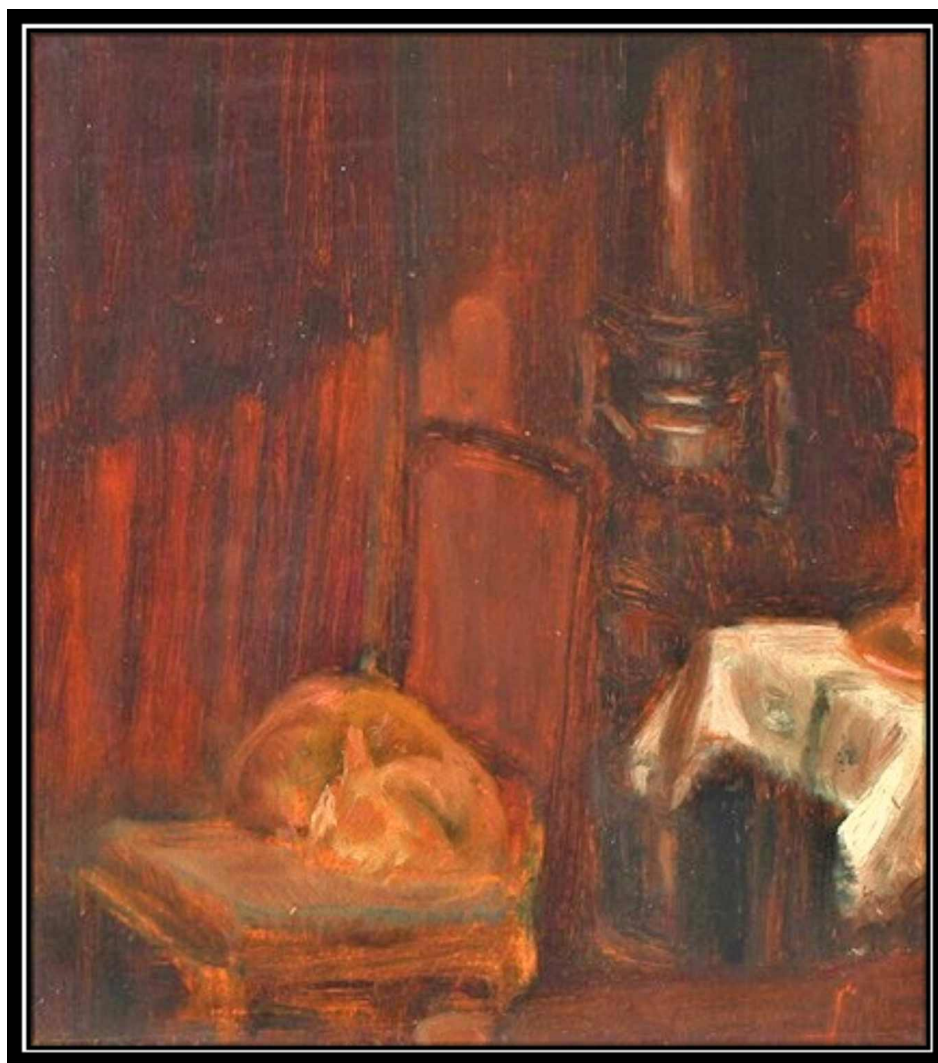
[OS GATOS DE JOYCE](#)

[EXCERTO DE ULISSES: LEOPOLD BLOOM E SUA GATA](#)

[OS GATOS DE COPENHAGUE](#)

[O GATO E O DIABO](#)

[A PONTE DO DIABO: o folclore que inspirou Joyce](#)



Obra do dinamarquês Carl Holsøe (1863-1935)

## SÉRIE GATOS NA LITERATURA

OS GATOS INCRÍVEIS DE AUTORES (QUASE) TÃO GATÓFILOS QUANTO  
VOCÊ.

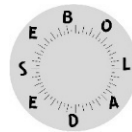
### **OUTROS LANÇAMENTOS:**

[TOBERMORY](#) – SAKI

[A GATINHA E O CORUJÃO](#) – EDWARD LEAR

[A HISTÓRIA DE UM GATO](#) – ÉMILE DE LA BÉDOLLIÈRE

EDIÇÃO, NOTAS E ORGANIZAÇÃO © 2021



# OS GATOS DE JOYCE<sup>[1]</sup>

NOME COMPLETO DO AUTOR: JAMES AUGUSTINE ALOYSIUS JOYCE (1882-1941)

## **TEXTO 1: ULYSSES, 1922 (EXCERTO DO EPISÓDIO 4)**

SINOPSE: NO LIVRO QUE REVOLUCIONOU A LITERATURA DO SÉCULO XX, *ULISSES* (1922), LEOPOLD BLOOM, EM UMA CENA DE INTIMIDADE FAMILIAR, INTERAGE COM SUA GATA DURANTE O CAFÉ DA MANHÃ.

## **TEXTO 2: THE CATS OF COPENHAGEN (1936, CARTA PARA O NETO STEPHEN)**

SINOPSE: JOYCE CONTA AO NETO AS PARTICULARIDADES DA CIDADE ONDE ESTÁ, COM FOCO NA ESTRANHA ABUNDÂNCIA DE ALGUNS ELEMENTOS – E NA ESTRANHA AUSÊNCIA DE GATOS. ESTA HISTÓRIA INFANTIL TRAZ OCULTA NO SUBTEXTO UMA REFLEXÃO SOBRE AUTORIDADE E LIVRE ARBÍTRIO.

## **TEXTO 3: THE CAT AND THE DEVIL (1936, CARTA PARA O NETO STEPHEN)**

SINOPSE: O POVO DE UMA CIDADE FRANCESA CHAMADA BEAUGENCY, SITUADA À BEIRA DO RIO LOIRE, PRECISA DE UMA PONTE URGENTEMENTE. O DIABO EM PESSOA ENXERGA NISSO UMA OPORTUNIDADE E FAZ UMA PROPOSTA PARA O PREFEITO. É ONDE É

QUE ENTRA O GATO NESTA HISTÓRIA? NESTE MISTO DE FOLCLORE E FÁBULA, JOYCE ENTRETÉM – E NOS FAZ PENSAR.

TRADUÇÃO DE HENRIQUE GUERRA  
COPYRIGHT DA TRADUÇÃO © 2021



JAMES JOYCE SOBRE OS GATOS:

*“THEY UNDERSTAND WHAT WE SAY  
BETTER THAN WE UNDERSTAND THEM”*

*“ELES ENTENDEM O QUE FALAMOS  
MELHOR DO QUE NÓS OS  
ENTENDEMOS”*

## EXCERTO DE ULISSSES: LEOPOLD BLOOM E SUA GATA

O sr. Leopold Bloom degustava com prazer os órgãos internos de aves e outros bichos. Apreciava uma consistente sopa de miúdos de aves, o sabor e a textura das moelas, coração de boi recheado assado na brasa, rodela de fígado fritinhas com farelo de casca de pão, fritada de ovas de bacalhau. Acima de tudo, gostava de rins de carneiro grelhados,<sup>[3]</sup> que deixavam no céu de sua boca a delicada adstringência de uma leve fragrância de urina.<sup>[4]</sup>

Pensava em rins enquanto se movimentava suavemente pela cozinha, organizando, na bojudá bandeja, os itens para o café da manhã de Molly. A luz e o ar da cozinha estavam gélidos, mas lá fora, em todos os lugares, brilhava uma agradável manhã de verão. Isso atiçou seu apetite.

Carvão em brasa.

Outra fatia de pão com manteiga; três, quatro: certo. Ela não curti o prato dela muito cheio. Deu as costas à bandeja, ergueu a chaleira do fogão e a posicionou lateralmente ao fogo. Ficou ali, opaca e atarracada, o bico proeminente. Logo uma xícara de chá. Legal. Boca seca. A gata se empertigou ao redor da perna da mesa, o rabo empinado.

– Mkgnao!

– Ah, aí está você – disse o sr. Bloom, se afastando do fogo.

A gata respondeu com um trinado e se esfregou de novo na perna da mesa, toda empertigada, miando. Bem do jeitinho que ela se esfrega na minha escrivantina. Prr. Afaga minha cabeça. Prr.

O sr. Bloom avaliou com curiosidade e afeto a ágil silhueta preta. Claro de ver: o brilho da pelagem macia, a manchinha branca embaixo da base da cauda, os olhos verdes faiscantes. Ele se curvou na direção dela, as mãos sobre os joelhos.

– Leite pros gatinhos – disse ele.

– Mrkgnao! – exclamou a gata.

O pessoal os chama de estúpidos. Eles entendem o que falamos melhor do que nós os entendemos. Ela entende tudo que deseja entender. Vingativa também. Cruel. A natureza dela. Ratinhos curiosos não soltam guinchos. Até parece que gostam. Fico pensando como ela me enxerga. Da altura duma torre? Não, ela pode pular em mim.

– Medo de galinha, não é? – disse ele em tom de deboche. – Medinho dos cocoricós. Nunca vi gatinha tão boba.

– Mrkrgrnao! – protestou a gata enfaticamente.

A gata pestanejou, como quem fecha os olhos sôfregos de vergonha, miando lamuriosa e longamente, mostrando a ele os dentes brancos como leite. Ele observou as pálpebras escuras se estreitando vorazes até transformar seus olhos em duas esmeraldas. Em seguida ele foi até o armário, pegou o jarro que Hanlon, o leiteiro,<sup>[5]</sup> há pouco havia enchido para ele, serviu o leite morno e borbulhante num pires e o depôs devagarinho no chão.

– Gurrhr! – gemeu ela, correndo para sorver o líquido.

Ele observou os bigodes cintilando esguiamente à luz fraca enquanto ela esticava as pontas três vezes entre uma suave lambidela e outra. Dizem que se a gente cortar as pontas o bichano não consegue mais caçar ratos. Será verdade? E por quê? Elas brilham no escuro, talvez, as pontas. Ou são como antenas no escuro, talvez.<sup>[6]</sup>



## OS GATOS DE COPENHAGUE

Ai, ai! Não posso te enviar um gato copenhaguense, porque não tem gato nenhum em Copenhague!

Tem um montão de peixes e de bicicletas, mas gato que é bom, nada mesmo.

E policiais também não.

Todos os policiais dinamarqueses passam o dia em casa na cama.

Ficam fumando seus charutões dinamarqueses e bebendo leite o dia in-tei-ri-nho.

Tem um montão de rapazinhos de uniforme vermelho andando de bicicleta o dia todo, para lá e para cá, às voltas com cartas, telegramas e cartões-postais.

Tudo é endereçado aos policiais por velhinhas que desejam atravessar a rua e garotos que escrevem para casa pedindo mais doces e meninas ávidas para saber coisas sobre a lua.

Os policiais leem todas as cartas na cama, o tempo in-tei-ro fumando e bebendo leiteinho.

E depois dão suas ordens, e os meninos de vermelho voltam e dizem a todos exatamente o que fazer.

Quando eu voltar a Copenhague, vou trazer um gato e mostrar aos dinamarqueses como ele é capaz de atravessar a rua sem receber instrução alguma de um policial. E se o gato mostrar às pessoas como fazer, será bem mais barato (pense nisso!).

Nem sonhando um gato ia ficar o dia todo na cama fumando charutos!

Sem falar no leiteinho! Nenhum gato iria beber isso.

Afinal de contas, tem peixe de montão para eles.

O que é que você acha disso?



O que Joyce não encontrou nas ruas de Copenhague.<sup>[7]</sup>

## O GATO E O DIABO

MEU QUERIDO STEVIE,

Dias atrás enviei pra ti um gatinho cheio de doces, mas acho que você ainda não conhece a história do gato de Beaugency.

Beaugency é uma cidadezinha muito antiga às margens do Loire, o mais comprido rio da França. É um rio de boa largura também, ao menos para a França. Lá em Beaugency o rio é tão largo, mas tão largo, que, se você quiser atravessá-lo de uma margem a outra, tem que dar uns mil passos, no mínimo! E desde que o mundo é mundo, o povo de Beaugency, quando queria atravessar o rio, tinha que fazer a travessia de barco, pois não havia ponte. Fazer uma ponte? Impossível! Eles nem sabiam por onde começar e, além do mais, não tinham grana para contratar alguém para construí-la. O que mais eles podiam fazer, então?

Eis que o diabo, sempre atento ao noticiário, ouviu falar da triste situação daquela cidade. Colocou a fatiota e lá se foi para fazer uma visitinha ao prefeito de Beaugency, o sr. Alfred Byrne. O prefeito também adorava ficar nos trinquês. Usava uma capa escarlate e sempre trazia um correntão dourado no pescoço, que ele não tirava nem mesmo para dormir, e olha que ele dormia todo encolhidinho, com os joelhos grudados na boca.

O diabo contou ao prefeito que tinha lido a notícia no jornal e fez uma proposta: poderia fazer uma ponte para a boa gente de Beaugency. Assim, eles poderiam atravessar o rio sempre que desejassem. Disse que poderia fazer uma ponte tão sólida quanto a melhor ponte já construída, e tudo isso da noite pro dia.

O prefeito perguntou quanto dinheiro ia custar para fazer a tal da ponte.

E o diabo respondeu:

– Nem um centavo sequer. Só tenho uma condição: a primeira pessoa que cruzar a ponte será minha.

– Combinado – disse o prefeito.

Caiu a noite, e toda a boa gente de Beaugency foi pra casa dormir. Amanheceu. Quando as pessoas colocaram a cabeça para fora das janelas, gritaram:

– O rio Loire! Que ponte mais linda!

Nem podiam acreditar em seus olhos: através de toda a largura do rio, erguia-se uma bela e forte ponte, feita de pedra!

A galera saiu correndo até a cabeceira da ponte para admirá-la. E adivinha quem estava lá, no outro lado da ponte? O diabo, só esperando para ver quem seria o primeiro a atravessá-la. Mas ninguém se arriscou a cruzá-la por medo do diabo. O som dos clarins ecoou – o sinal para o povo ficar quieto. O prefeito Alfred Byrne apareceu com sua grande capa escarlate e o correntão de ouro no pescoço. Trazia na mão um balde d'água e embaixo do braço – do outro braço! – um gato.

O diabo interrompeu sua dancinha ao avistar o prefeito na outra extremidade da ponte. Pegou sua luneta e

deu uma espiada. O povaréu estava no maior ti-ti-ti, e o gato ergueu o olhar para o prefeito. Ah, eu me esqueci de dizer: na cidade de Beaugency, até os gatos tinham permissão para encarar o senhor prefeito. Quando o gato se cansou de olhar para o prefeito (afinal de contas, até um gato se cansa de ficar olhando para um prefeito), ele começou a brincar com os elos do correntão dourado.

Foi quando o prefeito chegou à cabeceira da ponte. Não teve homem que não trancou sua respiração, não teve mulher que não conteve a língua! O prefeito largou o gato no chão da ponte e, rápido como um raio, SPLASH! Jogou o balde d'água nele.

O bichano, que agora estava entre o diabo e o balde d'água, também como um relâmpago tomou sua decisão: disparou ponte afora, com as orelhas para trás, rumo aos braços do diabo. O diabo ficou com uma raiva diabólica.

E, lá do outro lado da ponte, esbravejou num francês macarrônico (deixa que eu traduzo pra você):

– Gente boa de Beaugency! De hoje em diante, vocês já não são mais gente! São só gatos!

E disse ao gato (vou traduzir de novo):

– Meu bichano, venha cá! Não tenha medo, meu gatinho! Venha cá que o diabo não morde! Venha se aninhar em meu colo.

E lá se foi embora com o gato.

Desde então as pessoas daquela cidade são chamadas de os gatos de Beaugency.

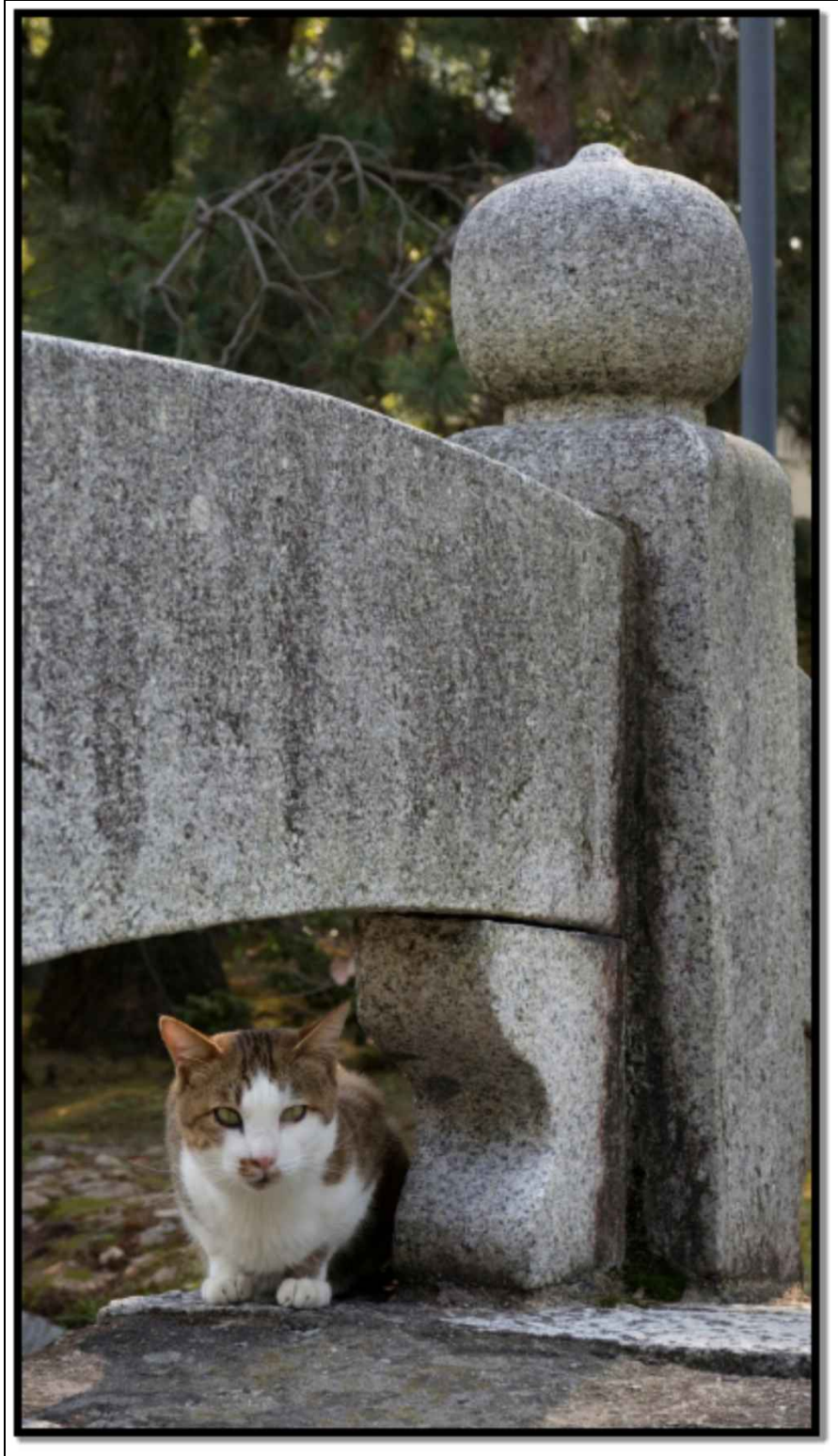
Mas a ponte continua firme, e a criançada anda, cavalga e brinca nela.

Gostou da história? Espero que sim.

NÔNO

**P. S.** O diabo fala principalmente em seu idioma próprio, o blá-blá-diablês, que ele mesmo vai inventando enquanto fala. Mas, quando está muito zangado, começa a falar num francês meio esquisito. E tem gente que já ouviu o

diabo falando e jura de pés juntos que ele tem um sotaque irlandês bem arrevesado.



Gato na ponte.

## **A PONTE DO DIABO: o folclore que inspirou Joyce<sup>[8]</sup>**

Há muitos e muitos anos, uma idosa chamada Megan Llandunach, todos os dias, ordenhava sua fiel e adorável vaquinha. O leite quentinho era sua base nutritiva<sup>[9]</sup> e, de quebra, servia como fonte de renda. É que a vaquinha dava leite de montão!<sup>[10]</sup> Sobrava produto para ser vendido e também para Megan fazer queijos e vender na feira. Ela amava de paixão aquela vaca e cuidava dela com todo o carinho, como se fosse da família.<sup>[11]</sup>

Só que, ai de mim! Um dia o nível do rio Mynach começou a subir e a subir. Foi a maior cheia que Megan jamais viu. O rio Mynach bufava através do desfiladeiro bordejado de matas densas e ultrapassava num piscar de olhos cinco cachoeiras encordoadas!<sup>[12]</sup>

Logo abaixo do ponto onde Megan estava parada, em uma espécie de grande caldeirão formado pelas pedras, a água formava um redemoinho, e parecia ferver e sibilar, como se estivesse sofrendo a ação de algum espectro perverso. Daquele ponto o rio acelerava e se precipitava numa ravina estreita e profunda, e se a velha senhora não tivesse avistado algo inacreditável do outro lado do rio, talvez pudesse ter se deleitado com a beleza natural do poço efervescente e das extensas gretas sombreadas. Mas em vez de júbilo pelo que há de belo na Natureza, Megan ficou triste, muito triste com o que viu.

E o que será que ela viu? A sua querida vaquinha, a sua única e insubstituível vaquinha no lado errado da ravina! Megan não pensava em outra coisa enquanto olhava boquiaberta o animal aspado que pastava a grama verdejante displicentemente como se não fizesse diferença em qual lado do rio ela estivesse. Como é que o animal tinha ido parar lá? Megan não tinha nem ideia. E menos ainda de como ia fazer para resgatá-la.

Com o coração partido desandou a chorar, lamentando seu destino cruel. Ela ia morrer de fome sem a vaca, e sem Megan para ordenhá-la, a vaca ficaria com o úbere cheio, pesada, e certamente morreria pela falta de cuidados. Os soluços de Megan ecoaram alto na vastidão agreste. Como não havia ninguém com quem conversar, ela falou de si para si:

– Ai, meu Deus, o que é que vou fazer?

– Qual é o problema, minha senhora? – disse uma voz atrás dela. – Por que está chorando à beira do desfiladeiro? – interpelou o forasteiro com voz gentil.

Ela se virou e viu um homem encapuzado como um monge, de rosário amarrado na cintura. Ela não tinha escutado ninguém se aproximar, mas o barulho das águas ribombando entre as rochas, pensou ela, facilmente poderia ter abafado o som dos passos. E, seja lá como fosse, ela estava tão transtornada com a situação da vaca que nem teve tempo de analisar como é que o forasteiro tinha aparecido.

– Estou arruinada – disse Megan. – Aquela vaca do outro lado do rio é minha. A principal fonte de sustento para minha velhice, no outro lado do rio, e não sei como trazê-la de volta! Ai,

meu Deus, estou arruinada – repetiu ela. – Eu longe dela, e ela longe de mim, é morte na certa para nós duas!

– Não se preocupe com isso – garantiu o monge. – Vou resgatá-la para a senhora.

Megan ficou muito surpresa com aquela afirmação tão convicta. E, no lusco-fusco, teve a impressão de ter vislumbrado algo estranho na postura daquele monge... Os joelhos pareciam invertidos. Mas claro que só podia ser coisa da cabeça dela, afinal estava muito escuro. Ainda atônita, retomou a conversa:

– Como é possível?

– Vou lhe contar – respondeu o forasteiro. – Um de meus divertimentos é construir pontes,<sup>[13]</sup> e se for de seu agrado eu faço para a senhora uma ponte sobre esse grotão.

– Bem, para ser sincera – disse a anciã –, nada me deixaria mais satisfeita. Mas que pagamento vou dar em troca? Estou certa de que o senhor vai exigir um valor alto por um trabalho desse tipo! Mas sou tão pobre que não tenho dinheiro algum de sobra, pode ver, nada mesmo, é verdade.

– Só tenho uma condição.

– O que o senhor quiser! – atalhou ansiosamente Megan.

O misterioso monge deu um sorrisinho irônico e completou:

– Não se preocupe, eu me contento com pouco – apaziguou o monge. – Basta me deixar ficar com o primeiro ser vivo que atravessar a ponte após ela ficar pronta, e eu me dou por satisfeito.

Megan concordou com isso, e o monge lhe avisou para que ela voltasse ao chalé dela e esperasse até quando ele a chamasse.

Porém, de boba, Megan tinha só aparência. Ela havia percebido, enquanto falava com o bondoso e cortês forasteiro, algo bem peculiar em relação aos pés dele: pareciam ser cascos fendidos. Megan não conseguia tirar da cabeça o encontro com o velho monge. Analisou cuidadosamente o pedido que o monge fizera em troca da ponte. Lembrou de outro detalhe: o monge não lhe deu a bênção quando ela foi embora. Súbito ficou tudo muito claro: o monge era o diabo em pessoa, tentando enganá-la!

Enquanto esperava ser chamada ficou quebrando a cabeça de tanto pensar. Bolou um plano que tinha tudo para dar certo, e ficou à espera do aviso, que veio numa bela manhã ensolarada.

Megan então saiu de casa, não sem antes jogar umas crostas de pão para o cachorrinho segui-la, e escondeu um pedaço de pão embaixo do xale. Após um tempinho de caminhada, chegou à beira do rio. Mas que maravilha: lá estava a ponte! E lá estava o diabo, à espera dela – e desta vez, ele não estava disfarçado, e esfregava as mãos de alegria.

– Aí está a sua ponte! – apontou o diabo com orgulho para uma bonita ponte sobre o escancarado abismo. Realmente era uma obra digna de orgulho. – Pode cruzar a ponte agora, Megan! – exclamou o diabo, mas Megan já havia decidido o que fazer.

– Hum, sim – disse Megan, olhando para a ponte com ar de dúvida. – Sim, é uma ponte. Mas será forte?

– Forte? – repetiu o construtor em tom indignado. – Está brincando comigo? Claro que é forte.

– Vai aguentar o peso deste pão? – indagou Megan, tirando o pão debaixo do xale. – É uma velha superstição, sabe.

O monge, ou melhor, o diabo riu com desdém: não admitia a hipótese de ser derrotado.

– Aguentar o peso? Jogue e veja com os próprios olhos. Ah, ah!

Então Megan rolou o pão até o outro lado da ponte. Pra quê! O cachorro de Megan saiu detrás dela e disparou ponte afora! E, para pegar o pão, cruzou a ponte! Megan deu risada e comentou com o diabo:

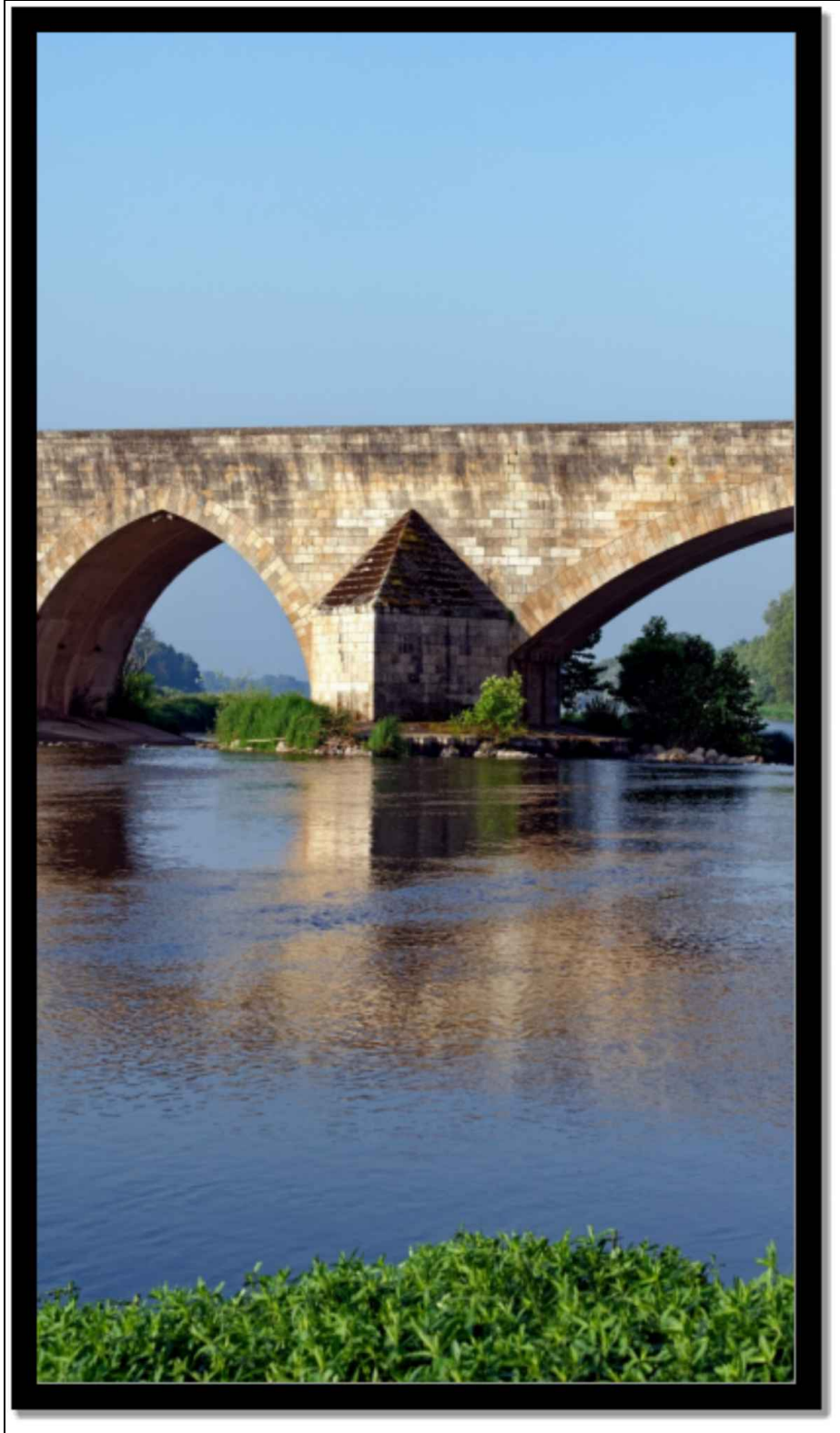
– Sim, a ponte serve – disse Megan. – E, meu bondoso senhor, meu cachorrinho é o primeiro ser vivo a cruzar a ponte. Cuide bem dele, e eu lhe agradeço muito pelo incômodo que o senhor teve. Agora vou pegar minha vaca e me ir embora. E novamente muito obrigada pela ponte!

– Tsc, tsc, este cãozinho estúpido não me serve! – esbravejou o diabo irritadíssimo.

Ser superado em inteligência daquela forma humilhante! Ficou com tanta raiva que sumiu no vazio em meio a uma nuvem de fumaça. Pelo cheiro de enxofre que deixou no ar, Megan confirmou suas suspeitas: havia passado a perna no próprio diabo! Ficaram para trás só o cachorrinho<sup>[14]</sup> e o robe que ele tinha roubado dos monges. Dizem que o diabo nunca mais foi visto no País de Gales, graças a Megan!<sup>[15]</sup> E foi assim que a Ponte do Coisa Ruim foi construída.<sup>[16]</sup>



Ilustração da obra *The Welsh Fairy Book* (1908). Diferentes versões da história “A ponte do diabo”, presentes no folclore de vários países, serviram de inspiração para James Joyce compor sua fábula do gato de Beaugency.



Ponte velha de Beaugency sobre o rio Loire.

---

[1] [Esta página](#) traz um apanhado das diversas edições mundo afora desses dois textos. (N. do E. do e-book).

[2] Crédito das fotos: Capa: Gato preto na ponte com a luz do sol: mhong84; Gatos na rua: Life on White; Gato tomando leite: JanJBrand; Gato na ponte de pedra: PicturePartners; Ponte de Beaugency: benslimanhassan. Todas as fotos via canva.com. (N. do E. do e-book)

[3] A tradução dos pratos culinários foi aprimorada com a consulta à página *Fried hencods' roes and mutton kidneys: these are a few of his favourite things*, do site James Joyce Online Notes. Disponível em <https://www.jjon.org/joyce-s-words/hencod>. Consultado em 9 set 2021. (N. do E do e-book)

[4] Artigo publicado no *Joyce Studies Annual* (2013), p. 297-306, de autoria de Michael Lavers, esmiúça o assunto. Intitulado “*To No End Gathered: Poetry and Urination in Joyce's Ulysses*”, diz: “O episódio *Calypso* começa com a observação de que Bloom aprecia o sabor da urina” e, para exemplificar, o autor cita esse mesmo trecho de *Ulisses* sobre os rins de carneiro. (N. do E. do e-book)

[5] Para traduzir corretamente esse trecho foi necessário consultar uma edição anotada, *Ulysses Annotated: Revised and Expanded Edition*, de Don Gifford e Robert J. Seidman, 2ª ed., 1988, segunda a qual existiam três leiteiros com sobrenome Hanlon em Dublin, em 1904. (N. do E. do book)

[6] Que James Joyce prefere gatos em detrimento dos cães não há dúvida. A origem dessa preferência foi revelada pelo irmão de James, Stanislaus, que relatou: “Uma vez meu irmão levou uma mordida de um terrier irlandês”. Os dois estavam brincando com o cão na praia, mas James acabou surpreendido. Esse fato é contado no artigo: Norris, M. “Tatters, Bloom's Cat, and Other Animals in *Ulysses*”. *Humanities* 2017, 6, 50. <https://doi.org/10.3390/h6030050>; Consultado em 16 set 2021. (N. do E. do e-book)

[7] Um interessante artigo de Kári Driscoll, “The Purr-Loined Letter: Another Case of Feline Absence”, investiga o porquê da ausência de gatos em Copenhague e cita as interconexões do texto de Joyce com escritos de Rilke e o experimento de Schrödinger, (N. do E. do e-book)

[8] Segundo Amanda Sigler, James Joyce tinha um exemplar de *Nursery Rhymes and Tales* (1924), de Henry Bett, que trazia variantes da história “The Devil's Bridge”. É uma história que varia conforme o local. Por exemplo, em Frankfurt, o animal é um galo. Em Aberystwyth, três cães famintos. [The Welsh Fairy Book](#) (1908), de W. Jenkyn Thomas,

conta a versão galesa de como Megan Llandunach ludibriou o diabo, na qual se baseia o texto do apêndice. Disponível em: Sigler, Amanda. "Crossing Folkloric Bridges: The Cat, the Devil, and Joyce." *James Joyce Quarterly*, vol. 45, no. 3/4, 2008, p. 537-555. JSTOR, [www.jstor.org/stable/30244394](http://www.jstor.org/stable/30244394). Consultado em 26 ago 2021. (N. do E. do e-book)

[9] A propósito, a palavra para leiteinho/*buttermilk* na Dinamarca é *kærnemælk*, um dos subprodutos da fabricação da manteiga, como está resumido [neste site](#). (N. do E. do e-book)

[10] Aproveitando a deixa láctea: o [artigo](#) intitulado “James Joyce em Copenhague”, de Ole Vinding, acompanha os dias de Joyce na capital dinamarquesa. “Tudo parecia despertar interesse nele, leiteiro, o ‘d’ suave na palavra ‘gud’ (God), a diferença entre ‘a’ e ‘o’ – por exemplo, na frase “Toget holder i tågen” (O trem no meio do nevoeiro) – o tipo folclórico na Dinamarca, suéteres islandeses, etc.” Ole também conta que os dois visitaram o zoológico, e Joyce comentou que gatos e cabras eram os animais que ele mais apreciava. (N. do E. do e-book)

[11] Um fato interessante da vida real envolve as vacas do vilarejo de Beaugency. A vacina contra a varíola foi padronizada a partir de amostras obtidas nessa região em 1866. A chamada “linfa de Beaugency” foi difundida mundo afora e chegou ao Brasil em 1887. Informações obtidas no artigo *Em busca do segredo da primeira vacina da humanidade, que erradicou a varíola*, disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/24/ciencia/1503587279\\_312148.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/24/ciencia/1503587279_312148.html). Consultado em set 2021. (N. do E. do e-book)

[12] Melanie Smith, na página “From Folklore to Real Life” (“Do folclore à vida real”), reconta a velha lenda em nova roupagem e nos informa que a “Ponte do Diabo” do País de Gales está localizada em Pontarfynach, e consiste na verdade em três pontes sobrepostas. A construção da primeira remonta a 1075. A segunda ponte de pedra foi acrescentada no século 18. A terceira e última foi construída no século 20 para reforçar as fundações das duas anteriores. Disponível em <https://theeverydaymagazine.co.uk/opinion/from-folklore-to-real-life-the-devils-bridge>. Consultado em 30-ago-2021. (N. do E. do e-book)

[13] Variantes desse conto estão entranhadas no folclore de muitos povos; vide o interessante artigo *As pontes construídas pelo Diabo em Portugal*, de Paulo R. C. Filho. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/download/31521/22084>. Consultado em 06 set 2021. (N. do E. do e-book)

[14] D. L. Ashliman mantém um [site](#) em que coligiu e traduziu para o inglês nada menos que 16 variantes da história *The Devil's Bridge*, de países como Alemanha, Suíça, Itália, Espanha (Catalunha), País de Gales e Inglaterra. Um detalhe: só uma das histórias – a que se passa às margens do rio Taugl, na Áustria – também tem como animal protagonista um gato. (N. do E. do e-book)

[15] Amanda Sigler, no artigo já citado, rastreia as influências da história “O gato e o diabo”, de James Joyce. Segundo ela, folcloristas observam que *The Cat and the Devil* se enquadra no tipo 1191 do sistema de classificação Aarne-Thompson. Relata que James Joyce tinha um exemplar de *Nursery Rhymes and Tales*, de Henry Bett, livro que trazia variantes da história “Devil's Bridge”. Uma carta não publicada de Joyce, na James Joyce Foundation de Zurique, permite rastrear a linha do tempo até Beaugency, indicando que ele visitou a cidade francesa, onde pode ter ouvido a lenda local. Em síntese, Amanda Siegler afirma que Joyce não só bebeu na tradição folclórica como também integrou suas recentes experiências de viagem na narrativa. Vide: Sigler, Amanda. “Crossing Folkloric Bridges: The Cat, the Devil, and Joyce.” *James Joyce Quarterly*, vol. 45, no. 3/4, 2008, p. 537-555. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/30244394](http://www.jstor.org/stable/30244394). Acessado em 26 Aug. 2021. (N. do E. do e-book)

[16] Por sua vez, Betty Greenway, em seu livro *Twice-Told Children's Tales: The Influence of Childhood Reading on Writers*, cita que “O gato e o diabo” de James Joyce é “Uma variante literária de histórias focalizando a Ponte do diabo (Aarne-Thompon tipo 1191)” que se afasta do tradicional, porque, na visão dela, é o diabo quem ri por último e dá a cartada final, prometendo cuidar do gato e transformando os habitantes em gatos como punição por sua trapaça. Segundo a autora, esse final representa um afastamento das versões tradicionais da história. (N. do E. do e-book)